

# Por que Ensinar Gramática?

*Luiz Carlos de Assis Rocha*

*(UFMG)*

## 1. INTRODUÇÃO

A primeira questão que gostaríamos de colocar com relação à gramática é a seguinte: o seu ensino não seria apenas uma tradição que vem acompanhando o estudo da língua materna através dos séculos? É preciso considerar que há tradições salutares, que devem ser conservadas, como a comemoração do Natal, da Páscoa, o culto aos heróis nacionais, etc. Por outro lado, há tradições que devem ser rompidas, extirpadas do convívio social, como, por exemplo, a Farra do Boi em Santa Catarina, o papel subalterno da mulher na sociedade e... o estudo da gramática no 1º grau. Neste trabalho pretendemos demonstrar que o ensino da gramática – seja ela normativa, descritiva, internalizada, histórica, gerativa, etc. – é, não só inadequado, como também prejudicial aos alunos do 1º grau.

## 2. SABER PORTUGUÊS E SABER GRAMÁTICA: DUAS ATIVIDADES DISTINTAS

### 2.1 Saber português

Ensina-se português no 1º grau com dois objetivos básicos:

1º – Capacitar o aluno a ler e a escrever um texto em português-padrão; 2º – Desenvolver no aluno a sua capacidade criadora, tendo como meio de expressão a língua portuguesa. Falaremos a respeito do segundo objetivo linhas adiante. Por enquanto, vamos nos fixar no primeiro. Saber Português, a nível de 1º grau, é a capacidade que tem o aluno de ler e escrever um texto em português-padrão. Entende-se por português-padrão o tipo de texto que é usado na linguagem

informativa contemporânea (jornais, revistas, livros de não-ficção, artigos, manuais de instrução, etc.)

Saber português – no sentido apontado acima – e saber gramática são duas atividades distintas. Vamos tentar colocar alguns argumentos em favor dessa posição.

em primeiro lugar, é possível encontrar alunos de 1º grau – principalmente nas séries finais – que escrevem satisfatoriamente, sem saber gramática. Essa parece ser uma constatação óbvia. Na verdade, são raras as pessoas que sabem gramática, mesmo que escrevam bem. Por outro lado, tudo indica, com relação aos alunos que não escrevem satisfatoriamente, que a sua deficiência não está relacionada com o fato de não saberem gramática. Trata-se de uma deficiência geral, que se constata em todas as disciplinas. O aluno escreve mal, não é porque não sabe gramática, mas porque ou é deficiente em tudo ou não tem treino específico para isso.

Podemos resumir a questão do seguinte modo: se o aluno escreve mal, não serão as aulas de gramática que melhorarão seu desempenho. Se ele escreve bem, qual seria a utilidade dessas aulas?

Repetimos, portanto, que saber português e saber gramática são duas atividades distintas.

## 2.2 Saber gramática

Saber gramática, a nível de 1º grau, é saber o que é sujeito, predicado, complemento, é saber classificar as palavras, as orações, etc.

É necessário, no entanto, fazer a distinção entre saber gramática, do modo como vem sendo feito pela maioria dos nossos alunos, ou seja, através de simples “decoreba” e “saber” gramática de fato, o que significa vivenciar a gramática através de reflexões lingüísticas mais profundas e ter a capacidade de participar de discussões sobre questões gramaticais. Com isso estamos querendo dizer que **saber** não significa decorar, não se trata de ter rima “aulinha” sobre

classificação das orações algumas horas antes da prova de português, sendo que, algumas horas depois, o aluno já terá se esquecido de tudo outra vez. Saber é **vivenciar**, é **viver**, é **participar**, é entender, por exemplo, como as leis da física interferem no nosso cotidiano, é ter uma noção geográfica do espaço que nos cerca, é incorporar à nossa visão do mundo o significado dos principais movimentos da História, é poder elucubrar sobre questões matemáticas. Ora, nenhum aluno **vive** ou **vivencia** as regras gramaticais, mas apenas as decora para fazer prova.

Acrescente-se a isso o fato de que a reflexão lingüística é, por natureza, uma atividade extremamente difícil, complexa e profunda, inadequada para indivíduos com pouca idade, porque requer um alto grau de abstração. Mesmo para adultos esclarecidos, às vezes é difícil explicar por que se estuda lingüística. Um exame superficial das gramáticas vai nos mostrar que certos conceitos, que à primeira vista parecem ser simples e incontroversos, são muitas vezes os que apresentam maiores contradições. É o caso, por exemplo, do conceito de sujeito, de substantivo, de adjetivo, de flexão, de palavra, de locução verbal, etc. Para nos convenceremos da floresta de controvérsias que é a Gramática Tradicional, basta ler o livro de Amini Boainain Haury – **Da necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa** (Ática, 1983).

Além dos problemas que acabamos de citar, é preciso considerar que há ainda outros fatores que impedem o desenvolvimento de uma gramática racional e descompromissada, a nível de 1º grau. Citaremos apenas alguns.

a - O prestígio da Gramática Tradicional, que, apesar do seu conservadorismo e da sua irracionalidade, é tida como uma verdadeira Bíblia para os alunos e para as pessoas de um modo em geral.

b - A existência da NGB, que funciona como uma camisa de força, inibindo assim a possibilidade de novas pesquisas.

c - O receio do professor de português de suprimir o ensino da gramática conseqüente surgimento da inevitável pergunta: “– Mas o que é que se vai ensinar no seu lugar?”

d - A influência maléfica dos concursos públicos, que costumam exigir de seus candidatos verdadeiras preciosidades de **non-sense** e de cultura inútil (como se os concursos públicos é que devessem determinar o que deveria ser dado nas escolas e, não, o contrário).

e - A pressão das famílias e da comunidade, no sentido de que “os alunos têm que saber gramática para saber português”.

Voltando à idéia, há pouco ventilada, de que a reflexão gramatical é uma atividade extremamente complexa a nível de 1º grau, permitimo-nos fazer uma comparação para melhor compreender o problema. Uma pessoa poderá ser excelente jardineiro através de dois expedientes: treinamento e prática. Um bom jardineiro não precisa saber botânica. A nossa opinião é a de que, para se saber português, não há necessidade de se aprender gramática. Assim como há ótimos jardineiros sem saber botânica, também há ótimos redatores que não sabem gramática. Ambos, no entanto, precisam passar por um treinamento e por uma prática. Sobre isso, falaremos no item 5 do nosso trabalho.

### **3. HAVERIA UTILIDADE EM SE ESTUDAR GRAMÁTICA?**

Há alguns estudiosos que, embora reconheçam que saber português e saber gramática sejam duas atividades distintas, mesmo assim insistem na idéia de que a gramática deve ser, de alguma forma, ensinada nas escolas, por motivos que passamos a expor e que vamos tentar rebater.

Algumas pessoas afirmam que a gramática é útil no 1º grau, porque leva o aluno a desenvolver o seu raciocínio, o seu pensamento lógico, a sua capacidade de induzir, deduzir, comparar, concluir, abstrair etc. Consideramos essa posição equivocada, por vários motivos. Vamos, porém, atermo-nos ao essencial: a língua deve ser considerada como

um meio e não como um fim. No 1º grau o importante é levar o aluno a ler e a escrever adequadamente. A atividade de comparar, deduzir, induzir, concluir, etc., deve ser feita – e efetivamente tem sido feita – com os objetos de estudo de outras disciplinas, como as ciências naturais, a matemática, a geografia, a história, etc. Para o desenvolvimento do pensamento lógico, o estudo da matemática é inegavelmente melhor do que o estudo da gramática. Melhor ainda para essa finalidade é o jogo de xadrez, o uso do computador e do *video-game*, a leitura de textos e de livros, a participação em debates sobre filmes, peças de teatro, etc.

Certas pessoas afirmam que o estudo da gramática é necessário, porque há alguns termos gramaticais que se aprendem na escola e que são usados no dia-a-dia, sendo, portanto, úteis para toda a vida. São palavras como: sentença, frase, oração, palavra, singular, plural, masculino, feminino, verbo, adjetivo, sinônimo, antônimo, coletivo, etc. Em primeiro lugar, é preciso considerar que essas palavras não são em tão grande número, como se poderia pensar. Em decorrência disso, pode-se perguntar: – justifica-se estudar anos e anos de gramática na escola – roubando o tempo de outras atividades mais importantes – com o intuito de se aprenderem algumas poucas palavras que serão usadas no dia-a-dia. Tudo indica que a resposta é negativa. Em segundo lugar, há certas palavras, ou noções, que pertencem ao domínio comum, ou seja, não há a necessidade de que a criança passe pelos bancos escolares para incorporá-las ao seu léxico. A mãe não precisa esperar que o filho entre para a escola para lhe dizer: “– Meu filho, não diga mais essa palavra!” ou “– Que frase mais linda é essa!”

Há uma boa parte dos professores de português que é partidária da seguinte posição: o ensino da gramática deve se limitar a certas noções básicas, essenciais, para que o aluno saiba um mínimo de gramática. Já consideramos anteriormente essa posição equivocada, porque não vemos utilidade em se aprender gramática, mesmo que seja “só o essencial”. Além disso, é muito difícil definir o que vem a ser esse “essencial”. Há porém uma consequência mais grave nessa

posição. Dá-se o que temos chamado em nossas aulas de “efeito arrastão”, que se caracteriza pelo seguinte: suponhamos que um professor considere que a noção de sujeito seja essencial para o estudo de português. Ao ensinar o que é sujeito, o professor precisará ensinar também o que é predicado. Acontece que algum aluno poderá perguntar se toda oração tem sujeito. Em vista disso, o professor dirá que não, que há orações sem sujeito. Em consequência disso, o professor se sentirá na obrigação de falar em sujeito indeterminado, sujeito oculto, sujeito posposto, e assim por diante. Aproveitando o “embalo”, para não perder a caminhada, o professor poderá falar em predicado nominal, verbal e verbo-nominal; em verbo intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, etc. Quanto o professor der conta de si, já estará no fim do semestre, ou no fim do ano, e ele não terá ensinado português aos alunos, e sim, **gramática**. O mesmo se diga com relação a outras questões de português: como se poderá se falar em substantivo, sem se falar em adjetivo, sem se falar em verbo, sem se falar em advérbio, etc.? Como se vê, o “o efeito arrastão” é altamente pernicioso aos alunos, porque há certos professores de português que, quando começam a falar sobre gramática com seus alunos, não param nunca mais.

É igualmente problemática a posição de certos professores que sugerem a adoção de uma “gramática do texto” no ensino do português. Essa gramática do texto consistiria no seguinte: ao se estudar um texto, toda vez que aparecer um fenômeno gramatical relevante, este deverá ser explicado e analisado. Em discordância com esse expediente metodológico, pode-se argumentar o seguinte: o que deve ser considerado um fenômeno gramatical relevante? Qual é o critério para se determinar quais os fenômenos lingüísticos que devem ser analisados? Tal atitude não poderia fazer o professor retornar a uma gramatiquice sem fim? Esses, contudo, não parecem ser os problemas mais graves. O problema mais grave consiste no perigo de que esse método se tome uma verdadeira “salada de frutas”, como passamos a demonstrar. Ainda que o propósito do professor seja elogiável, qual seja, o de explicitar os fenômenos gramaticais que são relevantes para

a compreensão e exploração do texto, parece haver aí dois equívocos. Em primeiro lugar, é preciso considerar que para a explicitação desses fatos gramaticais, é, necessário que o aluno tenha domínio de noções gramaticais que ele de fato não tem. Para que o professor fale de voz passiva, oração subordinada, sujeito indeterminado, verbo de ligação, etc., é preciso que o aluno tenha um conhecimento prévio do assunto. Ora, isso significa cair no estudo da gramática pura, o que é, como sabemos, condenável. Em segundo lugar, admitindo-se que esse conhecimento prévio não seja importante, que os fatos gramaticais possam ser avaliados à medida que aparecem no texto, corre-se o risco, como dizíamos, de que esse tipo de estudo se torne uma verdadeira “salada gramatical”, em que, depois de se realçar um emprego interessante da voz passiva, parte-se logo em seguida para uma explicação de um caso de colocação pronominal, seguida de uma regência verbal original, que, por sua vez, vai desaguar num emprego estilístico de um verbo defectivo, etc., etc., etc. Desse modo, o aluno nunca terá uma noção de conjunto da gramática, nunca perceberá a importância do conceito de estrutura, de oposição, de solidariedade das partes, etc.

Para finalizar este item, retomemos à pergunta que lhe serve de título: haveria utilidade em se estudar gramática?

É preciso frisar que temos combatido severamente o estudo da gramática no 1º grau. Apesar de tudo isso, defendemos a idéia de que a gramática deve ser estudada profundamente no 3º grau, ou seja, nos cursos superiores de Letras. Antes de defendermos esse ponto de vista, vamos tocar, rápida e superficialmente, na questão de ensino de português no 2º grau. Gostaríamos apenas de fazer a seguinte pergunta: – Se o aluno pode sair do 1º grau em condições satisfatórias de ler e redigir textos em português – afinal é esse o objetivo do 1º grau –, qual seria a finalidade do estudo da gramática no 2º grau? Parece-me que nenhuma. No 2º grau o aluno deve continuar praticando a produção da leitura e a produção de texto, sob a supervisão do professor de português, é claro, sem contudo estudar gramática. Defendemos a idéia de que no 2º grau o aluno deve

estudar literatura. Mas essa é uma questão que foge aos objetivos desta comunicação.

Dissemos que a gramática (e, acrescente-se, os diversos tipos de gramática) deve ser estudada no 3º grau, em profundidade. Isso se justifica por dois motivos básicos. Em primeiro lugar, porque o professor de português precisa conhecer o mecanismo interno, a estrutura da língua, para poder entender as relações mais profundas, as nuances, as variações, enfim, a língua como objeto e não, como meio. É mais ou menos como o médico que precisa ter conhecimentos profundos de anatomia e fisiologia humanas, sem que seja necessário passar esses conhecimentos para o paciente. O professor também precisará desses conhecimentos gramaticais para saber selecionar os exercícios de fixação da língua padrão, como explicaremos no próximo item. Em segundo lugar, justifica-se o estudo de gramática no Curso de Letras, porque há muitos profissionais que se dedicam à lingüística, ou seja, o estudo científico da língua, de fundamental importância para o conhecimento do ser humano, já que a linguagem é uma de suas manifestações mais relevantes. Finalmente, é preciso considerar que a entrada do aluno “virgem em gramática” para a Faculdade de Letras poderá ser altamente positiva, pois não haverá tabu, preconceito, “parti-pris”, começando-se do zero o estudo da gramática no curso superior, o que poderá, de fato, revolucionar o seu estudo.

#### **4. APRENDE-SE POESIA NA ESCOLA?**

No início desta comunicação, dissemos que são dois os objetivos básicos do ensino de português no 1o grau: 1o - capacitar o aluno a ler e a escrever um texto em português-padrão; 2o - desenvolver no aluno a sua capacidade criadora, tendo como meio de expressão a língua portuguesa.

Vamos tecer inicialmente algumas considerações sobre o segundo objetivo do ensino de português. Serão considerações rápidas, porque esse nos parece ser um assunto mais complexo, que mereceria um

espaço maior em outra comunicação. Vamos sintetizar a proposta da seguinte maneira: as aulas de português no 1º grau deveriam ser divididas em duas partes, em cada uma das séries: aulas de português-padrão e aulas de português-livre. O ideal é que essas aulas sejam dadas por professores diferentes para distinguir bem os objetivos de cada bloco. No primeiro bloco, o objetivo seria, como dissemos no parágrafo anterior, o de capacitar o aluno a ler e a escrever um texto em português-padrão. Como se trata da aquisição de uma técnica objetiva por parte do aluno, é lógico que a interferência do professor com seu famoso “lápiz vermelho” se torna necessária e mesmo, imprescindível. Nesse caso, o professor de português-padrão estará agindo como os professores de matemática, de ciências ou de geografia, que corrigem as falhas dos alunos, quando necessário. Com relação às aulas de português-livre, dadas de preferência por um outro professor de português mais relacionado com literatura e criação artística, será dada ampla liberdade aos alunos, para que eles possam manifestar os sentimentos e extravasar as suas emoções. Isso poderá ser feito através da leitura e produção de textos os mais variados, como poesias, contos, romances, propagandas, letras musicais, etc. É evidente que nesse caso o “lápiz vermelho” do professor não deve funcionar, devendo haver, isso sim, uma orientação, uma troca de idéias entre o professor o entre os alunos em si. Essa proposta de separação das aulas de português em dois blocos assenta-se nos seguintes pressupostos: 1º - português-padrão e português-livre são duas manifestações lingüísticas distintas, cada qual com seu próprio estatuto, sendo a primeira uma técnica e a segunda uma manifestação artística, uma expressão do indivíduo, ao mesmo tempo livre e libertária; 2º - através das aulas de português-livre, pode-se pôr efetivamente em prática o tão propalado respeito ao dialeto do aluno. Nas aulas de redação livre ele poderá usar essa língua espontânea, que traz de casa, descompromissada com os padrões oficiais, cabendo ao professor algumas sugestões quanto à expressão, à estética e à manifestação lingüística da emoção.

## 5. É POSSÍVEL APRENDER PORTUGUÊS-PADRÃO SEM GRAMÁTICA?

Ortega y Gasset já dizia: “– Que não se atreva a escrever aquele que não se atreva a inovar.” É evidente que a frase em questão se refere à escrita literária. Parodiando o famoso pensador, poderíamos propor: “– Que não se atreva a inovar aquele que se propõe a escrever em português-padrão.” De fato, a língua culta, principalmente a língua técnica e a burocrática, caracteriza-se pelo conservadorismo, pela tradição e pelo apego às regras gramaticais. Neste texto escrito, por exemplo, cremos estar usando um conjunto de regras tradicionais, que caracterizam o chamado português-padrão.

É de se esperar que a esta altura, muitos professores já estejam perguntando: “É possível aprender o português-padrão sem o auxílio da gramática?”

Vamos demonstrar que sim, que o aprendizado do português-padrão não tem nada a ver com o estudo da gramática. Vamos voltar à idéia apresentada em linhas atrás: assim como é possível ser um bom jardineiro sem saber botânica, também é possível dominar o português-padrão sem estudar gramática.

As aulas de português-padrão no 1º grau devem apresentar três componentes:

- produção da leitura
- produção da escrita
- treinamento em língua padrão

Consideramos ingênua, ou mesmo equivocada, a idéia de que é possível aprender português-padrão na escola apenas com a produção da leitura e a produção da escrita. Torna-se necessária a aplicação de treinamento constante e gradual ao aluno, para que ele possa adquirir, ao final do 1º grau, o domínio da modalidade culta da língua escrita. Esse treinamento, que poderá ser aplicado desde as primeiras séries do ensino fundamental, constará de práticas exercícios que se caracterizarão pelo seguinte:

a - O treinamento se baseará na prática da língua-padrão, devendo ser eliminado o emprego de toda e qualquer terminologia gramatical. O professor saberá que os exercícios versarão sobre concordância, regência, emprego de pronomes, uso do verbo haver, etc., mas o aluno não precisará dominar essa terminologia, estando, conseqüentemente, descartada qualquer espécie de classificação. O treinamento em português-padrão poderá constar de exercícios do tipo: preencha as lacunas; siga o modelo; forme frases com ...; corrija os textos; complete as frases; transcreva as frases, fazendo as modificações necessárias. sublinhe as expressões que se referem a...; construa sentenças com tais e tais palavras” substitua as palavras sublinhadas, fazendo as modificações necessárias na frase, de acordo com o modelo; reescreva o texto de acordo com..., etc.

b - O treinamento deverá ser planejado de tal forma, que seja aplicado de maneira constante e gradual em todas as oito séries do 1º grau. Sendo assim, em cada módulo de ensino, haverá a produção da leitura, o treinamento em língua-culta e a produção da escrita. Ao final da 8ª série, espera-se que o aluno esteja de tal forma habituado com o uso efetivo do português-padrão praticado através da produção da leitura, do treinamento e da produção da escrita – que ele dificilmente errará na prática dessa modalidade de língua.

e - Caberá aos professores de português, às coordenações das escolas, aos autores de livros didáticos e aos redatores de programas oficiais fazer a distribuição pelas oito séries do 1º grau dos empregos e usos que trazem mais dificuldade para a prática do português-padrão. À guisa de sugestão, apresentamos este quadro sucinto, que poderá ser aplicado a partir da 3ª série (as duas primeiras séries serão dedicadas exclusivamente ao treino ortográfico):

### **3ª série:**

1º semestre: gênero, número e grau das principais classes de palavras.

2º semestre: conjugação verbal (iniciação)

### **4ª série:**

1º semestre: conjugação verbal (continuação)

2º semestre: concordância verbal e nominal (iniciação)

**5ª série:**

1º semestre: treino de estruturas mais elaboradas (adversativas, concessivas, consecutivas, finais, etc.)

2º semestre: regência verbal (iniciação)

**6ª série:**

1º semestre: concordância verbal e nominal (continuação)

2º semestre: emprego de pronomes

**7ª série:**

1º semestre: regência verbal (continuação)

2º semestre: colocação de pronomes

## **8ª série:**

1º semestre: formação de palavras

2º semestre: concordância verbal / casos especiais: verbo haver, voz passiva pronominal, etc.

## **6. CONCLUSÃO**

Nesta comunicação defendemos a idéia de que só se deve estudar gramática no Curso Superior de Letras. O seu estudo no ensino fundamental é, não apenas desnecessário, mas, principalmente, prejudicial, pois vem roubar dos alunos o tempo precioso que poderia ser dedicado a atividades mais importantes para a aprendizagem do português, como a leitura, a produção de textos e o treinamento específico para a aquisição da norma culta.